



MEMÓRIAS DESENHADAS: RESSIGNIFICANDO O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Ronne Franklim Carvalho Dias
Instituto Federal do Amapá IFAP

Resumo

Este artigo trata de uma experiência de pesquisa na Educação Profissional: a otimização de um conteúdo curricular em forma de pesquisa. O conteúdo é perspectiva, para alunos do curso técnico em Edificações, com o objetivo de possibilitar uma experiência prática das dimensões espaciais urbanas e ressignificações poéticas através do desenho. O cenário da pesquisa é a própria cidade de Macapá, perceber a dinâmica urbana de uma praça central: as impressões das pessoas que ali circulam atualmente e as narrativas orais dos moradores antigos que colaboraram na construção de composições visuais com base na memória destes.

Palavras-chave: Desenho, Currículo, Educação Profissional, Memória Visual, Pedagogia Cultural.

Abstract

This article attends to a research experience in professional education: the optimization of curriculum content in the form of research. Content is prospect for students of technical course in Buildings, with the aim of providing practical experience of urban spatial dimensions and poetic reinterpretation through drawing. The research scenery is the city of Macapá, understand the urban dynamics of a central square: the impressions of the people moving there constantly and oral narratives of former residents who collaborated in building visual compositions based on the memory of themselves.

Keywords: Drawing, Curriculum, Professional Education, Visual Memory, Cultural Pedagogy.

747

1 Introdução

Este estudo é fruto de um projeto do componente curricular arte/artes visuais, sob título “Cidade: perspectivas desenhantes” desenvolvido com a turma de Edificações, do 3º ano, do curso técnico integrado, do Instituto Federal do Amapá. São alunos de um curso que prima, dentre várias competências, pelo domínio espacial a começar por leitura de projetos gráficos. Minha contribuição enquanto professor de arte e artista está em potencializar essa competência em vários ângulos espaciais e outras dimensões temporais. Assim perceber as impressões subjetivas do lugar e redimensionar qualitativamente as composições dos espaços. Oportunizar aos estudantes uma experiência estética viva que extravasasse o caixote da sala de aula e o projeto frio da prancheta.

O problema levantado em tal projeto foi: até que ponto o desenho de perspectiva pode contribuir para a noção multidimensional dos espaços urbanos? Com o seguinte desdobramento de aspecto subjetivo: quais os sentidos possíveis de representação desses espaços públicos? Ao perceber outras possibilidades de aprendizagem, ou seja, além da linearidade que a técnica da perspectiva propõe: como é possível perceber o espaço sob o olhar do outro?



Com o objetivo geral de compreender as dimensões geográfico-espaciais da paisagem urbana, ao desenvolver na prática do desenho a realidade circundante, tracei dessa forma o imediato plano de ação aos estudantes: pesquisar histórico e conceitualmente sobre monumentos e logradouros públicos da cidade de Macapá, criar um banco de imagens sobre os objetos da pesquisa, e produzir desenhos como composição visual.

Na turma houve a formação de cinco grupos, os quais se subdividiram por objetos de estudo que eles mesmos escolheram, como: monumentos históricos, praças, orla, áreas de ressaca, e espaço turístico. Ao saírem a campo e se confrontarem com a realidade de estudo, esses alunos criaram metodologias de pesquisa e recursos que correspondessem às necessidades de aprendizagem que enfrentavam, como entrevistas, registros videográficos, etc.

2 O lugar: Praça Veiga Cabral (Centro de Macapá)



Figura 1. Ronne Dias. Estátua de Cabralzinho: Praça Veiga Cabral – Macapá/AP, 2015.

Posso destacar neste artigo a Praça Veiga Cabral: um dos cinco grupos escolheu como objeto de estudo trabalhar em um lugar que fosse ao mesmo tempo interativo e de grande circulação. Chegaram, então, ao logradouro público mais antigo da capital do Amapá: a Praça Veiga Cabral. Uma área existente desde 1758 (no mesmo período da vila de Macapá) e localizada bem no Centro da cidade velha, de frente para o monumento mais antigo, a Igreja de São José de Macapá. Ao redor da praça estão Teatro das Bacabeiras, Biblioteca Pública, Museu Histórico Joaquim Caetano e o setor comercial (zona franca de livre comércio). Além de um extenso ponto de parada de ônibus, existem bancas de revista e vários do comércio ambulante de alimentos e artesanato.



Figura 2. Ilustração de Siqueira. Inauguração da Vila de Macapá, 2001.

A praça Veiga Cabral recebe esse nome para identificar a importância de seus heróis da história local. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o “Cabralzinho”, segundo dados históricos oficiais, foi um soldado que resistiu e repeliu bravamente a invasão francesa de 1895, conhecida como a luta do contestado. Por tal feito conquistou o título de herói nacional pelo Exército Brasileiro. Na praça foi erguida na década de 90 uma estátua em sua homenagem. A ênfase a um símbolo na construção de uma identidade populacional, de forma que este símbolo exprima e imponha a cultura, características, preceitos, particularidades daquele povo.

Notando a falta de informações mais detalhadas sobre o assunto, o grupo se propôs resgatar e ressaltar o valor dos símbolos, como elementos de reconhecimento de um grupo, que de alguma forma, reconhecem-se e compartilham-se em algum momento de vivências comuns.

A importância da pesquisa bibliográfica e em *sites* na *internet*, foi percebida como essencial para fundamentação da carga histórica, até então ausente para eles. Mesmo assim, sentiam a necessidade para um outro viés da pesquisa, além dos registros documentais, algo que trouxesse o aspecto humano, talvez anônimo, da história. As vozes dos que ali circulam ou vivem ao redor da praça e, que de algum modo, compõe a história material e cultural.

A grande parcela da população transita pelos mais variados espaços públicos, inclusive a Praça Veiga Cabral, sem perceber sua funcionalidade primária, sem entender que aquele local foi palco de muitas histórias, e que o patrono desse local é um sujeito histórico, declarado herói brasileiro. Suscitar a divergência de olhares, as interpretações diversas, a escolha de olhar o mundo de forma diferente, de que muitas formas um mesmo local pode ser apresentado, que muitas sensações podem ser motivadas pela



forma dessa apresentação? Aproximar o objeto dos seus sujeitos e perceber seus olhares múltiplos sobre a impressão do lugar, ou seja: como se relacionam?

2.1 Perspectiva e outros pontos de fuga

O domínio do espaço sempre foi um desafio para a humanidade. Em relação à aprendizagem escolar, a compreensão torna-se mais instigante se for além da sala de aula, ou seja, para ampliar o olhar através da janela para o mundo, como a própria perspectiva sugere. A perspectiva talvez seja mais do que uma técnica de desenho sistematizada na Modernidade, mas precisamente no Renascimento Italiano do século XV: com o intuito de racionalização do espaço, a perspectiva linear se configurou como um tratado hegemônico da visão que atravessou séculos. A noção de representação da profundidade na superfície plana teve uma construção ao longo da história visual, posso destacar o período helênico, em Pompéia (século I a.C.): de modo sugestivo e empírico, os gregos demonstravam uma certa complexidade da tridimensionalidade do espaço mas não com uma preocupação matemática. A questão essencial que o Renascimento conduz está no domínio da visão sobre os demais sentidos. Surge um paradigma onde o conhecimento perpassa pela visão, ou seja, a relação cognitiva de domínio do homem moderno passa pelo desenho que fundamenta tanto a arte e a tecnologia. Para esta valorização, muito contribuiu a perspectiva para a construção da modernidade ao qual condicionou e formatou o modo de ver. Algo que Martin Jay (1988) problematiza como um regime escópico de compreensão do mundo.

A perspectiva linear surge, segundos escritos de E. H. Gombrich (1999), através dos estudos desenvolvidos em especial por Leon Alberti (1404 - 1472), Filippo Brunelleschi (1377 - 1446) e Leonardo Da Vinci (1452 - 1519): ambos são arquitetos e portanto, desenhistas por natureza. Seus estudos juntos formam um importante tratado que se fundamenta na geometria do objeto e do espaço. Constituiu-se uma forma científica de perceber a realidade objetivamente tornando como que a experiência natural de ver os objetos, algo que legitima a Perspectiva Cartesiana como modelo de ver o mundo – a ordem das coisas passa a ser definida de um modo científico, representada por uma construção racional, porque o mundo é visto pela razão. Isso de algum modo ajusta para uma visão científica do mundo que se converte em forma de pensamento, que influencia a forma de ver o mundo para todos.

Para o mundo que se projeta pela janela se valorizava o olhar da ciência, como se houvesse uma explicação para tudo. A matemática em especial supera a



complexidade orgânica da natureza, através de uma representação espacial linear e retilínea. É uma lógica de percepção que se configura entre o espectador que vê o mundo narrado ao *ponto de fuga*, regido por um único ponto fixo, e a meu ver, passivo.

A ideia do projeto com a turma de Edificações foi compreender o conteúdo das dimensões espaciais de modo prático e desenvolver com isso possibilidades de conhecimento artístico, através de experiências estéticas. Nada melhor do que despertar o olhar para a realidade circundante e perceber as relações de simbolismo e identidade com o espaço urbano. Os alunos do Curso Técnico em Edificações tem o perfil ideal para processar, além do aspecto teórico, objetos e ambientes em potenciais concretos da realidade. Pois, eles vivem e circulam o ambiente em questão, isso é algo capaz de motivar um olhar analítico sobre o espaço público... A ideia é superar um regime escópico vendo outras possibilidades de visão e uma consequente ressignificação das relações com o ambiente.

2.2 Memória e Currículo vivo

O ensino profissional e tecnológico no Brasil vem sendo consolidado como uma das estratégias políticas do Ministério da Educação nos últimos anos. Contudo, discutir as projeções de tal projeto de educação, na esfera qualitativa, é intervir diretamente nos processos de ensino e aprendizagem, ou seja, entender que relações o professor aciona para além do currículo oficial, sem menosprezá-lo, mas que possa ver na ação docente mecanismos de participação mais efetiva e afetiva com conteúdos e práticas pedagógicas. Coloco-me como professor e desenhista nesse contexto de atuação da educação profissional. Assim penso, em estudar o desenho dentro do currículo do ensino médio/técnico como forma de distender a reflexão sobre ensino de arte, as visualidades do contexto cultural e a educação profissional e tecnológica.

A perspectiva atual nos currículos dos centros profissionalizantes, e em especial dos institutos federais, as atividades de desenho são extravasadas no campo de extensão e pesquisa. Penso na gama de possibilidades de compreensão em arte que esse estudo pode acarretar ao perceber a experiência estética a partir do desenho discutido no sistema educativo tecnológico, diante das projeções que se fazem para o mercado de trabalho, não se deve limitar no embelezamento como também somente na funcionalidade dos produtos ou tão pouco reduzidos puramente ao pensamento abstrato. Creio eu que as formas, texturas, linhas na dimensão sensorial e estética da experiência com a cultura, sobretudo com a cultura local muito compõem olhares e percepções dos sujeitos e sua forma de desenhar e entender o mundo.



Para Edgar Morin (2001), é necessário garantir no processo educacional os princípios do conhecimento pertinente: existe uma questão fundamental, comumente ignorado, que é o da necessidade de promover o conhecimento capaz de aprender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais.

Assim a inquietação deste projeto, em princípio, preocupa-se com a dimensão curricular do ensino tecnológico de se conectar com a realidade local e no contexto amazônico, *lócus* empírico dessa pesquisa. E entender os processos de formação como mecanismos que forjam a subjetividade, penso que a atividade de desenhar acionada pelas experiências visuais é um caminho a ser refletido e discutido no currículo.

Tomaz Tadeu da Silva (1999) afirma que as definições não revelam o que deve ser essencial do currículo: “uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa que o currículo é” (SILVA, 1999, p. 14). Ou seja, deve ser enfrentado na prática sem ingenuidades o que se quer ensinar? O que os estudantes devem ser? E quais as relações de poder existentes nesse processo?

Silva (1999) faz um *scanner* das teorias do currículo através de teorias críticas e pós-críticas, destacando os conceitos de: identidade, alteridade e diferença; subjetividade; saber-poder; representação; cultura; dentre outros. O mesmo autor ressalta John Dewey como um importante estudioso preocupado com a construção da democracia liberal e sua consideração relevante a experiência estética dos jovens. Para uma postura crítica sobre a realidade. A pedagogia como cultura, e a cultura como pedagogia, é outro ponto ressaltado por Silva para compreender uma das consequências da virada culturalista na teorização curricular.

É, portanto, a ideia do professor/artista que venho acessar a reflexão do ensino de desenho com um valor técnico e qualitativo no âmbito da cultura. Penso que o professor/artista por ser um produtor visual e, que de alguma forma, vive a experiência estética no seu cotidiano é um grande mediador das relações entre produção de artefatos e a sustentabilidade local, seja ela cultural ou ambiental. Ao executar o currículo, o professor de alguma forma cria ressignificados no transcurso praticado pelo seu saber artístico. A noção deste entendimento se desdobra nas reflexões com conceitos de tradução e correlação com identidades, pertencimentos de lugares e memória afetiva. Reitero que o currículo nas escolas tecnológicas necessitam de reflexões que ampliem a inserção dos sujeitos em sociedade, valorizando seu local e problematizando sua realidade. É a tentativa de perceber a inteireza de uma educação profissional que pode ser tecnicamente competente e qualitativa. Assim vejo que



a educação tecnológica através do ensino do desenho seja a intermediadora desse processo educativo cultural que busca através da sensibilidade de forma e função estética inspiração com as visualidades da Amazônia. Essas estratégias não se vinculam aos grandes mercados produtivos e a lógica do capital, ao contrário busca evidenciar que as táticas passam pelas visualidades em vista a realocar o sujeito artífice, técnico e produtivo com a vida em vista aos bens e serviços, bem estar com o setor tecnológico e a inspiração da região Amazônica.

3 Dos procedimentos e resultados

Quando o tema foi apresentado à turma tinha-se como objetivo perceber as dimensões do espaço em seus múltiplos ângulos de visão e produzir composições visuais, de modo ressignificado à aprendizagem de cada grupo. A cidade de Macapá deveria ser o grande cenário. Uma das preocupações que surgiu, do grupo em questão, foi o de representar um objeto que concentrasse significância nas relações sociais, o presente grupo considerou os logradouros públicos como espaços comuns a pessoas de todos os gêneros, idades e classes sociais. Ao decorrer dos estudos, o grupo definiu seu foco voltado para a representatividade do símbolo (dimensão histórica) e a relação de pertencimento com o espaço (dimensão subjetiva com a praça).



Figura 4. Maria Michely, Marco, Fernanda e André. Desenhos da Praça Veiga Cabral, Macapá/AP. Grafite, nanquim, lápis preto, pincel atômico. 2015.

A pesquisa teve seu desdobramento ao buscar as narrativas orais e visuais do lugar, a partir de entrevistas com os moradores antigos e usuários da praça Veiga Cabral: os colaboradores foram de um morador antigo, um trabalhador de mais de 40 anos de



atividade no lugar, uma estudiosa da cidade de Macapá e dois trabalhadores informais “ambulantes”. Esses colaboradores foram selecionados pelo grupo e em negociação comigo, o coordenador do projeto, por se tratar de sujeitos que demonstravam cunho histórico, social e identitário com o lugar.

O Registro visual foi capturado com fotos que representam a ótica dos estudantes e a relevância das figuras e símbolos diversos, em relação a fatores construtivos, ambientais, funcionais (lazer, comércio, transitoriedade) segundo as relevâncias pessoais dos componentes; desenhos feitos *in loco* e outras imagens coletadas nos arquivos particulares dos moradores entrevistados.

O resultado enquanto meta pretendeu-se: construir um memorial do lugar e no lugar, ou seja, um painel que apresente a praça Veiga Cabral em vários ângulos, épocas e narrativas como um conjunto de suas visualidades transformadas, com fotografias antigas coletadas na comunidade, desenhos descritivos e com base nas histórias dos moradores pioneiros sobre o lugar, textos informativos da história oficial, dos casos e dos relatos dos cidadãos usuários da Praça, especialmente trabalhadores formais e informais que dependem daquele espaço. Imagens eletrônicas de satélite, de ângulos diferentes e fotos registradas pelos munícipes mostrando as visões e impressões daqueles que frequentam ou circulam por ali. A ideia é que o usuário tenha a oportunidade de ver a realidade daquele espaço em múltiplos ângulos, sentidos e ainda poder interagir – nesse ponto justificamos que a ação concreta está com a comunidade circulante, ou seja, o principal parceiro são os próprios cidadãos que usam desse espaço público. O objetivo é valorizar, preservar e difundir a importância do logradouro público que atende a todos. Aos estudantes do projeto uma oportunidade com a pesquisa de perceberem o espaço e suas múltiplas dimensões concretas, visuais, afetivas e históricas.

Nessas linhas finais ratifico o meu posicionamento quanto à importância de trabalhar o currículo, assim como destaca Tomaz Tadeu, como uma questão a ser decifrada na prática, sem perder de vista as questões do “saber, poder e identidade” (p. 148), são aspectos que podem ter múltiplas formas de domínio se não forem devidamente problematizadas e reconstruídas com perspectivas críticas, emancipadoras e ressignificadas.



Referências bibliográficas

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Trad. Álvaro Cabral. 16ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1999. 688 p.

JAY, Martin. **Scopic Regimes of Modernity, Vision and Visuality**. Seattle: Bay Press, 1988. 23 p.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3a. ed. - São Paulo - Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. **Ensino do desenho: do artífice/artista ao desenhista auto expressivo**. João Pessoa: Editora UFPB, 2010. 106 p.

SANTOS, Fernando Rodrigues. **História do Amapá**. 6ª edição. Macapá: Valcan, 2001. 66 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

Minicurrículo

Ronne é professor de Arte do Instituto Federal do Amapá-FAP. Mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais-UFG. Licenciado em Educação Artística com habilitação em artes plásticas, pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. Membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Cultura Visual e Estética Sustentável e da Associação dos Arte Educadores do Amapá-AAEAP.